

O SISTEMA PESSOAL DO TUPINAMBÁ

Aryon D. Rodrigues

UNICAMP

1. O presente artigo trata de um aspecto marcante do sistema de expressão pessoal de uma língua indígena americana — o Tupinambá (ou Tupi Antigo), falada na costa leste, nordeste e norte do Brasil nos séculos 16 e 17. A documentação básica para a análise científica dessa língua é constituída por gramáticas, vocabulários e textos compostos por missionários e viajantes; os documentos diretamente utilizados neste estudo estão indicados adiante, sob o número 5.

2. O sistema pessoal do Tupinambá apresenta uma dupla peculiaridade, até agora não documentada claramente para nenhuma outra língua: há distinção morfológica de duas "primeiras pessoas inclusivas" e não há nenhuma distinção entre estas e as "terceiras pessoas". Os prefixos marcadores de sujeito nos verbos são os seguintes, com traduções aproximativas:

a-	'eu'
ere-	'você'
oro-	'eu e ele(s)'
pe-	'você e ele(s)'
ya-	'eu e você', 'ele(s)'
o-	'eu, você e ele(s)', 'ele(s)'

Exemplos de ya- e o-:

(1) yané yaʔũ

'nós (eu e você) o comemos'

- (2) ma^ʔé ya^ʔũ
'um animal o comeu'
- (3) asé osenōy
'nós (eu, você e ele) o chamamos'
- (4) payé osenōy
'o pajé o chamou'

'Ele(s)' como tradução de ya- e o- não é bastante preciso: o-, significando 'ele(s)' ocorre em verbos transitivos e intransitivos, ao passo que ya- com esse significado ocorre só em verbos transitivos. As construções transitivas oferecem, pois, situações opostas: o- ocorre quando o sujeito é o foco (o tópico principal) do discurso, enquanto que ya- ocorre quando o sujeito não é o foco (este é o objeto). Exemplo (de Anchieta, G 36v):

- (5) morubisāba monā oynamí^ʔókukār
'o-juiz (foco) mandou-cortar-a-orelha-de o-ladrão'
- (6) morubisāba monā yaynamí^ʔókukār
'o-juiz mandou-cortar-a-orelha-de o-ladrão (foco)'

3. A distinção entre focp e não-foco não foi percebida de maneira assim clara pelos analistas precedentes, mas é a melhor hipótese que podemos postular para explicar as ocorrências de ya- e o- com o significado aparentemente comum de "ele(s)"; esta hipótese baseia-se: (a) na discussão de ya- pelos antigos gramáticos, (b) na ocorrência de ya- e o- nos textos disponíveis e (c) na coerência interna do sistema pessoal do Tupinambá.

3.1. Anchieta (AG 36v) atribui a ya- 'ele(s)' o significado de sujeito de menor valia que o respectivo objeto e dá os seguintes exemplos:

- (7) syé rûba tobayāra ya^ʔũ

'os contrários comeram meu pai' (AG 36v)

(8) mōya Pedro yaysuʔū

'a cobra mordeu a Pedro' (AG 36v)

(9) Pedro taʔĩra yaynupā

'seu filho (scilicet, de Pedro) açoutou a Pedro' (AG 36v)

Mas, a seguir, observa que ya- também se usa em casos em que o sujeito é de maior valia ("Ainda que também se pode usar deste, quando o nominativo é de maior estima", AG 36v), com o que revela a irrelvância do critério da maior ou menor valia do sujeito; os exemplos então dados são (5) e (6) acima, nos quais a alternância entre ya- e o- se dá, para Anchieta, "secundum subiectam materiam", i.é, segundo a matéria em consideração no discurso. Este é o ponto em que ele mais se aproxima de nossa hipótese do foco.

3.2. Figueira simplesmente menciona esta alternância, sem tentar explicá-la, e dá os seguintes exemplos:

(10) Pedro mōya oyukā (F 99)

'Pedro matou uma cobra'

(11) Pedro mōya yayukā (F 99)

'Pedro matou uma cobra'

(12) oerasō temō sapiʔā ibākĩpe tupāna syē rūba mā (F99)

'oxalā (temō..mā) levasse (oerasō) Deus (tupāna) cedo (sapiʔā) a meu pai (syē rūba) para o céu (ibākĩpe)!'

(13) yarasō temō sapiʔā ibākĩpe tupāna syē rūba mā (F 99)

mesmo significado que (12)

Acrescenta que (13) é melhor que (12), informação incompatível com a hipótese de Anchieta (o sujeito 'Deus' seria de "maior valia" que o objeto "meu pai"), mas que satisfaz plenamente a hipótese do foco (a possibilidade de "meu pai" ser o foco do discurso é muito

maior do que a de "Deus" ser o tópico principal).

3.3. A grande maioria de ocorrências documentadas de orações transitivas com sujeito e objeto de "3a. pessoa" tem sujeito focal. Alguns casos mais de objeto focal encontram-se nas composições poéticas de Anchieta. Em todos estes casos o prefixo marcador de sujeito é ya-:

- (14) opā emonã tekwāra yané ratā yayā(r) rō (AP 288)
 'pois (rō) nosso fogo (yané ratā) recebe (yayār) todos os que vivem assim (opā emonã tekwāra)' (dito por um diabo a respeito dos pecadores: estes são o foco do discurso, ao passo que o sujeito 'nosso fogo' é incidental)
- (15) yamoreawsú(b) roʔĩ (AP 317)
 'o frio (roʔĩ) fê-lo sofrer' (num poema sobre o Menino Jesus, foco e, aqui, objeto; o sujeito 'o frio' é incidental)
- (16) yaypōpwāratā... yaynupānupā (AP 327)
 'amarraram-lhe fortemente as mãos... surraram-no' (numa com posição sobre Cristo, foco e objeto)
- (17) yaypōasāsā(b) (AP 328)
 'transpassaram-lhe [com cravos] as mãos' (como 16)
- (18) isĩ n-imemfrasfy na-suwfy n-imaraʔāri n-yaymomarāpotāri pitāñĩ morawsubāra (AP 317)
 'sua mãe (isĩ) não teve dor de parto (n-imemfrasfy), não sangrou (na-suwfy), não ficou doente (n-imaraʔāri), não quis fazê-la sofrer (n-yaymomarāpotāri) o menininho misericordioso (pitāñĩ morawsubāra) (o foco é 'sua mãe', sujeito das três primeiras orações [nenhuma com verbo transitivo], mas objeto da quarta).

3.4. O Vocabulário na Língua Brasílica oferece breve discussão do problema da distinção entre ya- e o- no verbete "Eclipsar se a lua", para o qual dá:

- (19) yasá maʔé yaʔú (V 1.108)
 ('um animal come a lua')
- (20) maʔé yasí yaʔú (V 1.108)
 ('um animal come a lua')
- (21) yasí maʔé oʔú (V 1.108)
 ('o animal come a lua')
- (22) maʔé yasí oʔú (V 1.108)
 ('o animal come a lua')

E acrescenta: "Estes são dos mais escuros termos de falar que ha nesta lingua, porq. querem dizer que a lua he comida dalgũa cousa, e são tam ambíguos q. iuntamente querem dizer que ella he a que come algũa cousa. ... O eclypse da Lua dizẽ elles q. a come algũa fera do Ceo". (V 1.108)

Supomos que (19) e (20) têm a lua (objeto) como tópico principal — o que seria a situação mais comum ao explicar-se o que acontece com ela no eclipse — , ao passo que (21) e (22) têm o animal (sujeito) como foco.

3.5. Mais um argumento para a hipótese do foco é o uso "impessoal" de ya-, registrado por Anchieta: "Também se usa desta primeira plural por terceira impersonaliter, ut yajucã, matão, sem ter nominativo expresso" (AG 36v). O exemplo

- (23) yayukã
 'matam', aliãs 'matam-no',

é um caso típico de sujeito não focal.

Outros exemplos análogos ocorrem no Catecismo na Língua Brasileira:

- (24) emonã tekwãrwêra yaypeʔã (C 128)
 'o que tiver estado assim (emonã tekwãrwêra) [casado contra

vontade: é separado' (na tradução do Catecismo: 'hã-se de apartar')

(25) ...yaype?ã yē aypōba?ē amō resē imomenã (C 131v)

'são separados (yaype?ã) sem mais (yē) esses (aypōba?ē) e casados (imomenã) com outras (amō resē)' (no Catecismo: 'apartamos aos taes, e casamolos com outras')

4. No conjunto de seis prefixos marcadores de sujeito podemos distinguir:

(a) formas que manifestam a oposição entre o falante e o ouvinte: a-, ere-, oro-, pe-;

(b) formas que não manifestam essa oposição, porque incluem ou excluem tanto o falante como o ouvinte: ya-, o-;

(c) formas em que uma 3a. pessoa está incluída necessariamente: oro-, pe-, o- ;

(d) formas que excluem a 3a. pessoa, ou em que esta pode estar implícita, mas não é focal: a-, ere-, ya-.

Com base nessas distinções, podemos construir uma matriz de componentes "semânticos" que ponha em evidência os fatores necessários e suficientes para caracterizar todas as formas:

		Oposição		F/O
		+		
		F	0	-
3f	-	a-	ere-	ya-
	+	oro-	pe-	o-

F = falante

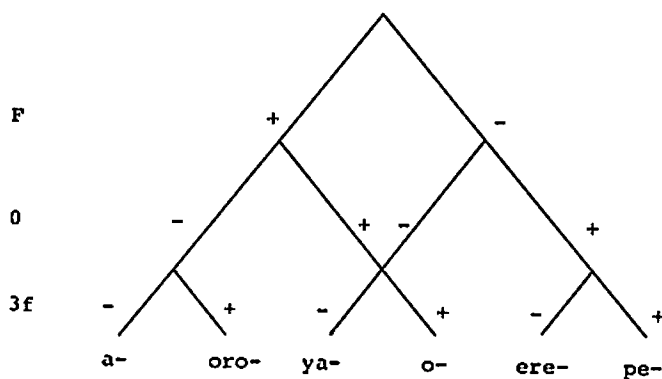
0 = ouvinte

3f = terceira pessoa focal

Essa matriz mostra que ya- e o- significam ambos a neutralização da oposição entre o falante e o ouvinte, oposição que se dá quando os dois estão presentes ("nós inclusivo") e quando os dois estão au

sentes ("ele [s] "); a distinção entre ya- e o- repousa exclusivamente na presença ou ausência de uma terceira pessoa focal.

A neutralização da oposição entre o falante e o ouvinte pode ser representada numa árvore gerativa, em que a confluência de ramos indica uma só saída para situações semanticamente distintas:



5. Referências:

- AG Joseph de Anchieta, Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil. Coimbra, 1595. (Reprodução facsimilar, Rio de Janeiro, 1933).
- AP José de Anchieta, S.J., Poesias. São Paulo, 1954.
- C Antônio de Araújo, Catecismo na Língua Brasileira. Lisboa, 1618. (Reprodução facsimilar, Rio de Janeiro, 1952).
- F Luís Figueira, Arte de Gramática da Língua Brasileira. Lisboa, 1687. (Reprodução facsimilar, Leipzig, 1878).
- V Vocabulário na Língua Brasileira. 2a. edição, 2 volu mes. São Paulo, 1952-1953.